



ALMEIDA GARRETT

DA EDUCAÇÃO

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA



INTRODUÇÃO

1 — Garrett e a educação

Quase no início do preâmbulo com que abre este tratado, escreve Garrett:

Ainda que fugi quanto pude a toda a alusão política, devo todavia observar aqui que nas mui particulares circunstâncias em que se acha Portugal, era impossível a qualquer português que de educação escrevesse, não se lembrar de que *o maior e o mais importante negócio de sua pátria era hoje essa mesma educação* [...] ¹

As «mui particulares circunstâncias» aqui evocadas são, como se sabe, a profunda crise do percurso liberal que se iniciara com a revolução de 24 de Agosto de 1820 e que agora, em 1829, depois de sentida mas curta festa e de percalços vários, se confrontava com a recuperação absolutista levada a cabo pelo falsídico e usurpador D. Miguel. Mas estas mesmas circunstâncias aparecem, no excerto, como elemento potenciador do pressuposto já nele firmado de que na educação reside o mais importante empreendimento que se pode levar a cabo em qualquer nação. O nosso pedagogo assumia assim, expressivamente, o ditame do iluminismo europeu.

Não é preciso fazer fé na conhecida afirmação de Garrett no prólogo à segunda edição de *Dona Branca* sobre o seu flagrante

¹ *Da Educação*, p. 89. [As citações desta obra remetem para a presente edição.] O itálico é da nossa responsabilidade.

envolvimento por enciclopedistas, Rousseaus e Voltaires em que a revolução de 1820 o surpreendeu², para aquilatar a patente e sistemática influência desta «valiosa tradição iluminista»³ no escritor, no político e no pedagogo. Com efeito, o *naturalismo* físico, antropológico, social e até religioso trespassa e inspira a sua escrita, desde o lucreciano *Retrato de Vénus* à lírica das *Folhas Caídas* e às celebradas *Viagens na Minha Terra*⁴; a *razão* e o espírito de modernidade penetram e dão sentido ao seu romantismo⁵, como desde logo as obras que deram início a este movimento e outras mais tardias patenteiam e numerosos estudos demonstram; o novo *método* orienta as leituras que faz das diversas realidades e das construções e pedagogias do saber, aliando a razão ao concreto e à experiência numa via de análise contra as trevas do abstractismo, do dogma e da síntese, segundo as lições de Locke, Condillac e Rousseau, método a que concede teorização neste livro⁶ e no *Curso de Leituras Públicas de História*⁷ e de que faz corrente aplicação em textos de intervenção parlamentar, jornalísticos, de ensaios, mas também nos de criação literária, em que o esteio da história e do humano suplantam a fatalidade e o decreto divino; a sua visão da *história* quebra o estático e é envolvida por uma dialéctica que continuamente se desvela nos cruzamentos dinâmicos da visão do passado, da análise do presente e da prospecção

² Almeida Garrett [A. G.], *Obras de...*, 2 vols., Porto, Lello & Irmão, 1966, II, p. 461.

³ Tomamos a expressão de Alberto Ferreira (*Estudos de Cultura Portuguesa — Século XIX: Pedagogia e Instrução, Literatura, Política e Sociedade*, Lisboa, Moraes Editores, 1980, p. 72).

⁴ Percorra-se, a título de exemplo, o cap. v do vol. I da incontornável obra de Ofélia Milheiro Caldas Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação* (Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971, 2 vols.).

⁵ Neste espírito de modernidade cabem, também, os propósitos cívicos e pedagógicos que o moveram. Entre nós, este movimento literário desenvolveu-se, como se sabe, numa estreita ligação com a revolução liberal e o liberalismo.

⁶ A adesão incondicional e sistemática a estes princípios metodológicos tem fórmula plena neste tratado na nota 2 da p. 109 e na p. 115, por exemplo.

⁷ Para esta matéria, pode também ver-se Fernando Augusto Machado em *Almeida Garrett e a Introdução do Pensamento Educacional de Rousseau em Portugal*, Porto, Edições ASA, 1993, pp. 169-170.

do futuro, como frequentemente se vislumbra nos seus diferentes géneros de escrita⁸.

Foi, também, no abundante lastro que a família⁹ e a Europa de exílio lhe proporcionaram por acessos vários que Almeida Garrett colheu e cimentou essa inabalável convicção da radical proeminência dos valores *ilustração* e *educação* no destino dos indivíduos e dos povos. Foi uma convicção enormemente potenciada no concreto pela quase estreme conexão entre a vida do Autor e a da pátria, circunstância frequentemente assinalado por autores como Gomes de Amorim, Teófilo¹⁰, João Gaspar Simões¹¹, Hernâni Cidade e Augusto de Castro¹², Alberto Ferreira¹³, Ofélia

⁸ É paradigmático, nesta matéria, o *Portugal na Balança da Europa. As Viagens na Minha Terra* representam também excelente exemplo. Mas o assunto tem sido tematizado. Para ilustrarmos, indicamos apenas dois nomes de clássica ligação a este segmento: Jacinto do Prado Coelho, com o título «A dialéctica da História em Garrett», in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes Editores, 1972, 2.ª ed., pp. 77-80; e Augusto da Costa Dias, com vários títulos, de que destacamos: «Garrett republicano», in *Seara Nova*, n.ºs 1505 e 1507 (1971, Março e Maio, pp. 30-42 e 17-25, respectivamente), «O jovem Garrett e o *Portugal na Balança da Europa*», in *Seara Nova*, n.º 1503 (1971, Janeiro, pp. 24-28), e «Estilística e dialéctica», in A. G., *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, Portugalíia, 1963, pp. VII-XLVI.

⁹ Relevamos o que lhe proporcionou o seu tio bispo. Consulte-se a obra de Ofélia Monteiro, *D. Frei Alexandre da Sagrada Família*, Coimbra, Universidade, 1974.

¹⁰ Este republicano elege-a como pressuposto da biobibliografia com que prefacia as *Obras Completas de Almeida Garrett* (Grande Edição Popular, Ilustrada, prefaciada, revista, coordenada e dirigida por Teófilo Braga, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1904, I, pp. VII-XXXVII) e trá-la frequentemente à colação noutros escritos como a *História do Romantismo em Portugal* (Lisboa, Ulmeiro/Universidade, 1984, p. 222).

¹¹ Leia-se, do autor, «Garrett, homem público» (*Garrett — Homenagem do Ateneu Comercial do Porto*, Porto, Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Morte do Escritor, 1954, pp. 22-24).

¹² Sigam-se os discursos que proferiram e constam em *Comemorações do Primeiro Centenário do Visconde de Almeida Garrett (1854-1954)*, Lisboa, Comissão do Centenário de Almeida Garrett, Ministério da Educação Nacional, 1959, «Garrett, poeta» e «Garrett e o teatro português», pp. 256 e 231, respectivamente.

¹³ Em *Estudos de Cultura Portuguesa...*, cit., p. 52, o ensaísta frisa o paralelismo quase perfeito entre a história literária e a história social da pátria, em Garrett.

Monteiro ¹⁴, Eduardo Lourenço ¹⁵ e muitos outros, e que o próprio Garrett assumiu em muitas e variadas ocorrências ¹⁶. Nesses valores, sobretudo, faria assentar as mudanças para o novo e a garantia da sua sustentação. Por isso, depressa se tornariam nele, como há muito haviam sido na Europa, valores-charneira, garantes de um desenvolvimento civilizacional positivo dos povos e da concomitante emergência e exercício dos restantes, desde a *liberdade* e a *igualdade ao progresso*, à *humanidade*, à *utilidade*, à *felicidade*, ao *cosmopolitismo*, etc. Neste contexto, e face às circunstâncias da história nacional, *educação* e *liberdade* foram por ele entendidas, nos planos individual e colectivo, como binómio de convergência apodítica, transformando-se, sem qualquer deles, o indivíduo, em escravo, e um qualquer povo, em rebanho de escravos. A *instrução* tornou-se, então, condição indispensável de liberdade, de progresso, de felicidade, como a *ignorância* se tornaria condição de tirania, de estagnação ou retrocesso, de desventura.

No século anterior, havia sido, precisamente, a teorização destas conexões que colocara o pai da educação moderna, J.-J. Rousseau, no olimpo dos mais conceituados pensadores europeus. Pai da *antropologia*, propusera-se criar o homem novo pela *educação*; construtor de uma das mais reconhecidas plataformas da *política moderna*, intentara preparar através dela os cidadãos para essa nova sociedade do *contrato*; amante da paz e perscrutando no horizonte dos tempos um projecto europeu de unidade dos povos, opusera *educação* e *revolução* e indicara a primeira como via preferencial para regeneração da sociedade conspurcada. Pois bem, opções paralelas

¹⁴ A autora assinala o facto com frequência em estudos globais, parciais ou de síntese sobre o autor. Vejam-se, por exemplo, desta última forma, a entrada de Garrett no *Dicionário de Literatura Portuguesa* (org. e dir. de Álvaro Manuel Machado, Lisboa, Editorial Presença, 1996), ou *O Essencial sobre Almeida Garrett* ([Lisboa], Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001 [imp.]).

¹⁵ A conferência «Da literatura como interpretação de Portugal (de Garrett a Pessoa)», proferida em 1975 e inserta no livro *O Labirinto da Saudade* (Lisboa, Gradiva, 2000, pp. 80-117), é construída em torno deste núcleo da inseparabilidade Garrett-pátria.

¹⁶ Para ilustração, adoptamos a fórmula do «A quem ler», que introduz o volume composto por *Folhas Caídas* e *Fábulas e Contos* (1853): «Para tudo o que não é a Pátria e a Liberdade, é tíbio e froixo o seu canto, desgarrado e mal sentido.» (A. G., *Obras de...*, cit., II, p. 1661.)

marcariam a vida e forneceriam estrutura e conteúdos à obra e à acção deste que foi o introdutor do pensamento educacional do genebrino em Portugal¹⁷, um preocupado, incansável e sistemático educador, um dos mais importantes doutrinadores do liberalismo no nosso país e o seu mais eminente teorizador pedagógico do século XIX. Todavia, estas facetas permanecem ainda em relativa penumbra, o que, por um lado, interfere na objectividade do real garrettiano, desfigurando-o de vários modos; por outro, prejudica a própria apreciação e a hermenêutica do seu vector estético-literário. Compreender isto é condição essencial à compreensão da importância e do alcance da obra que se apresenta.

*

Dos inúmeros estudos e análises devotados a Garrett, muito raros são os que não conduzem a esta incontornável constatação: a alta representação que o Autor atingiu, e que permanece com foros de símbolo no imaginário nacional¹⁸, assenta quase em absoluto a sua construção, e pensamos que mais ainda a sua sustentação¹⁹, na vertente estética de feição linguístico-literária e no

¹⁷ Ver Fernando Machado em *Almeida Garrett e a Introdução...*, cit.

¹⁸ Reproduzimos, a propósito, a fórmula poética de Eduardo Lourenço («Garrett e a figura espectral», in *Almeida Garrett: um Romântico, um Moderno — Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Bicentário do Nascimento do Escritor*, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, I, p. 72): «Assim se instalou por sua conta no espaço sem morte das ficções que duram. E onde, tão vivo como nunca, permanece.»

¹⁹ Fazemos esta distinção para realçar as intencionalidades receptivas com que, em tempos vários depois da sua morte, pessoas, grupos ou poderes políticos têm lido ou usado ideologicamente o autor, suprimindo, velando, branqueando ou diluindo vertentes como a política, a educacional ou até a sentimental. Analisem-se escritos como «O testamento de Garrett», in *Nação Portuguesa* (1.ª série, n.º 10), ou «A herança de Garrett», que abre a publicação *Ao Ritmo da Ampulheta* (Coimbra, 1925), de António Sardinha; *No Saguão do Liberalismo* (Lisboa, edição de José Fernandes Júnior, 1935), de Fernando Campos; «Uma educação boa deve ser nacional», in *Arquivo Pedagógico*, vol. II, n.º 2 (Imprensa da Universidade, Junho de 1928), pp. 117-140, de Serras e Silva; parte significativa das alocuções que foram proferidas aquando das celebrações oficiais do centenário da morte de Almeida Garrett, em 1954, reunidas em *Comemorações do Primeiro Centenário...*, cit., como a

culto da língua²⁰. E, na realidade, sobram razões para que tal vertente se enalteça, pois é certo que estamos perante um dos maiores génios da nossa literatura e um dos mais exímios e marcantes cultores e construtores da língua portuguesa. Todos o reconhecem, desde o seu tempo²¹ à actualidade. Mas não só. Ele

de Júlio Dantas, que, suprimindo uma das principais matrizes inspiradoras do *eu* garrettiano, afirmará em «Garrett, homem de Estado e orador parlamentar» (p. 73): «Que maravilhas incalculáveis nos restariam hoje de Garrett, se ele não tivesse perdido tanto tempo com a política e com as mulheres.» É curioso verificar como o próprio Francisco Gomes de Amorim, em *Garrett, Memórias Biográficas* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1881-1884, 3 vols.), II, pp. 401-402, e III, pp. 694-495, já concedia que a intensa actividade e produção de Garrett no âmbito político-social prejudicava fatalmente a obra do autor no seu todo, além de lhe gastar rapidamente a vida. Joel Serrão é um dos que chama a atenção para a obliteração do Garrett ideólogo. Fá-lo no prefácio «Brevíssimo roteiro da vida e da obra de Almeida Garrett» com que apresenta uma das edições de *Portugal na Balança da Europa* (Lisboa, Livros Horizonte, s. d., p. 10). Pode também ver-se esta questão em Fernando Machado, «Modernidade portuguesa na senda de Garrett», in *Forum* (separata), 26, Julho-Dezembro de 1999, pp. 21-22.

²⁰ Corroborando a asserção com a opinião unânime dos críticos e historiadores da literatura portuguesa, observa Telmo Verdelho em «A renovação da língua operada por Garrett», in *Almeida Garrett: um Romântico...*, cit., II, p. 13: «Questão central na obra e na vida de Garrett é a língua, o amor da língua portuguesa, a defesa e ilustração da língua e sobretudo o desejo de remoçar 'a perdida língua de Camões'.» Quanto à profusão e diversificação de alusões de Garrett à matéria em apreço, chamamos à colação um outro escrito do mesmo autor sobre a fundamental contribuição do cidadão do Porto para a teorização normativa da língua portuguesa, onde lista algumas dessas alusões, que poderiam, contudo, ser multiplicadas. «Aristocrata da língua» é como Verdelho qualifica aí o nosso autor: «Garrett e o pensamento normativo na língua portuguesa», in *Colóquio/Letras*, 153-154 (Julho-Dezembro de 1999), p. 123.

²¹ Lembramos Herculano e, por curiosidade e pelo significado que transporta, o caso dos sócios do Conservatório Real de Lisboa, Francisco Martins de Andrade e João Nepomuceno Seixas, que dedicaram e ofereceram ao poeta o *Opúsculo Acerca da Origem da Língua Portuguesa*. No *Espólio Literário de Garrett* (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra [BGUC], cx. 19, 38-A), consta a carta de acompanhamento da oferta, sem data, mas com probabilidade de ser de 1844, segundo apontamento manuscrito do próprio Garrett (cf. Eduardo Honório, *Cartas a Garrett, Inventário Analítico, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Câmara Municipal da Maia*, 2000, p. 92, sumário 100).

próprio assinala profusamente essa proeminência, quer em circunstâncias de culto da própria imagem²², quer de reflexões teóricas, de elaboração de instrumentos normativos²³ ou outras. Curiosamente, nem este escrito sobre matéria especificamente educativa ficou incólume a esta espécie de obsessão. Atente-se no extracto: «Antes de dar uma ideia sucinta do meu sistema e do método que segui na redacção desta obra, pareceu-me necessário dizer alguma coisa sobre a forma, estilo e outras circunstâncias [...]» É assim que o nosso Autor inicia, em moldes que parecem feridos de algum despropósito, este *Da Educação*. Em seguida, concederá várias páginas a matéria de índole metalinguística cujo corpo semântico nuclear constitui um autêntico manifesto, com

²² Como ilustração das numerosas referências que encontramos neste âmbito em vários escritos e circunstâncias, consideramos paradigmática a do *Prospecto para a Edição das Obras Completas* (1839), onde o *literário* e o *linguístico* se impõem como critérios de valoração, mesmo em obras de natureza ensaística, como são os casos do conjunto composto por este tratado, pelo *Resumo da História Literária de Portugal* e pelo *Portugal na Balança da Europa*. Eis as expressões usadas: «casto e profundo escritor», «fonte de instrução e de ciência, e modelo de linguagem» e «erudito, filósofo e mestre da nossa bela língua» (A. G., *Obras de...*, cit., I, p. 600). Nesses critérios assentará também o lastro preferencial do desejo da sua consagração, preterindo as honrarias das cortes e distinções dos palácios do orador, do patriota, do diplomata, do homem de Estado, à coroa de poeta e ao título de homem de letras (*ibid.*, p. 602).

²³ Por ser menos corrente, exemplificamos este segmento com duas situações ligadas ao teatro. A primeira tem que ver com a criação das três aulas na Escola de Declamação, uma das quais a de *Recta Pronúncia e Linguagem*; a segunda diz respeito aos critérios que estabeleceu, em *Circular* de 28 de Fevereiro de 1839, para acção do grupo que organizou com fins de seleccionar e aprovar as peças de teatro, grupo composto por personalidades ligadas às letras, à política e à vida social, entre os quais se encontravam Herculano, Castilho, Joaquim Archer, Passos Manuel, Rodrigo da Fonseca, conde de Farrobo, etc. Preconizava ele que não se atendessem apenas a questões de ofensa à religião, instituições políticas e moral pública, «mas também se estão ou não escritas em português corrente e limpo», convidando-os a «marcar nas ditas peças os lugares que lhes parecem merecer correcções, por conterem erros palmares de linguagem, a fim de serem emendados» (A. G., *Correspondência Inédita do Arquivo do Conservatório (1836-1841)*, com introdução e análise crítica de Duarte Ivo Cruz [Lisboa], Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, pp. 13 e 32).

forma de lição, em prol da maturação identitária e da elevação e pureza da língua, discorrendo sobre o estilo e a frase e teorizando a ortografia. Garrett retomava aqui, com os mesmos propósitos, caminhos já diligenciados no *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, que serviu de introdução ao *Parnaso Lusitano* (1826).

Correntemente, este e textos afins são encarados através de uma leitura unívoca que se move nos espaços da analítica estética e do culto da língua. Permita-se-nos, contudo, o exercício de uma hermenêutica de pendor ideológico²⁴, encarando-os como estratégia de doutrinação no âmbito do Garrett educador.

O ponto de partida da nossa proposta é consensual entre os estudiosos do Autor: na palavra e na acção, raramente em Almeida Garrett os acasos são ditame. Ora, os caminhos de afirmação das *línguas nacionais* eram trilhados há muito além-Pirenéus como condição fundamental de afirmação da identidade nacional e, no esteio das *luzes*, de afirmação, amplificação e participação na cidadania. Por isso essas línguas se haviam de tornar numa das reivindicações dos revolucionários em França, já por ecos da *Encyclopédie* e de filósofos educadores, como Diderot e Rousseau²⁵,

²⁴ Entendemos aqui o conceito de *ideologia* tal como originariamente foi apresentado, em finais do século XVIII e princípios do século XIX, por Destutt de Tracy (1754-1836), ou seja, como ciência das ideias enquanto instrumento justificador e fundamentador de projectos e programas de acção que uma nova situação requer. Vejam-se, para mais alargada compreensão e contextualização do assunto, os *Éléments d'Idéologie* [1801-1815] (Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1970), de Destutt de Tracy, e a «Introduction historique» que Henri Gouhier apõe à edição que usámos; para visão mais breve, ver Fernando Machado em «Traduções e ideologia ou a busca de identidades forjadas», in *Colóquio de Outono, Estudos de Tradução — Estudos Pós-Coloniais*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2004, pp. 111-113.

²⁵ Os diferentes *rappports* e leis de instrução pública dos períodos das assembleias revolucionárias constituinte e legislativa francesas, com destaque para os nomes de Talleyrand e Condorcet, e do período da Convenção (Lanthenas, Romme, Lakanal, Lepeletier, Romme, Daunou, etc.), sempre muito inspirados em Rousseau directamente ou por mediação de Condorcet, consagram esta importância. O genebrino, além de se opor ao ensino precoce das línguas mortas, cataloga a aprendizagem das vivas não nacionais, até à idade de 12 a 15 anos, como «inutilidades da educação», já que perturba a aprendizagem da língua materna e, por essa via, o desenvolvimento do ser em núcleos fundamentais. Diz Rousseau (*Oeuvres Complètes, édition publiée sous la direction de Bernard Gagnebin et Marcel Raymond, 5 vols. [parus]*,

ÍNDICE (desta edição)

A edição crítica da obra completa de Almeida Garrett, <i>por</i> OFÉLIA PAIVA MONTEIRO	9
Introdução, <i>por</i> FERNANDO AUGUSTO MACHADO	15

TEXTO CRÍTICO

Ao leitor	89
Introdução	95

LIVRO PRIMEIRO

Educação doméstica ou paternal comum para ambos os sexos

PARTE I. — SISTEMA GERAL — DA INFÂNCIA À PUERÍCIA

CARTA PRIMEIRA	105
CARTA SEGUNDA	126

PARTE II. — PUERÍCIA

CARTA TERCEIRA	139
CARTA QUARTA	146
CARTA QUINTA	154
CARTA SEXTA	160
CARTA SÉTIMA	175
CARTA OITAVA	183
CARTA NONA	191
CARTA DÉCIMA	199

CARTA UNDÉCIMA	208
CARTA DUODÉCIMA	212
Notas ao livro primeiro.....	217
*	
Notas complementares do editor	241
Anexo I	259
Anexo II	265
Anexo III	271

Acabou de imprimir-se
em Abril de dois mil e nove.

Edição n.º 1016421

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br